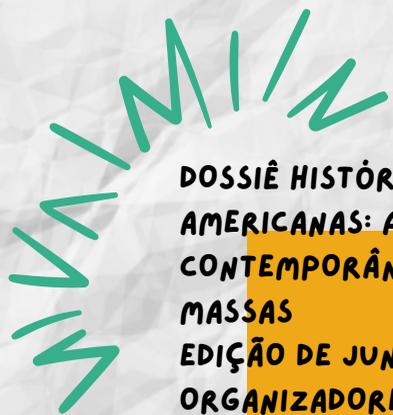




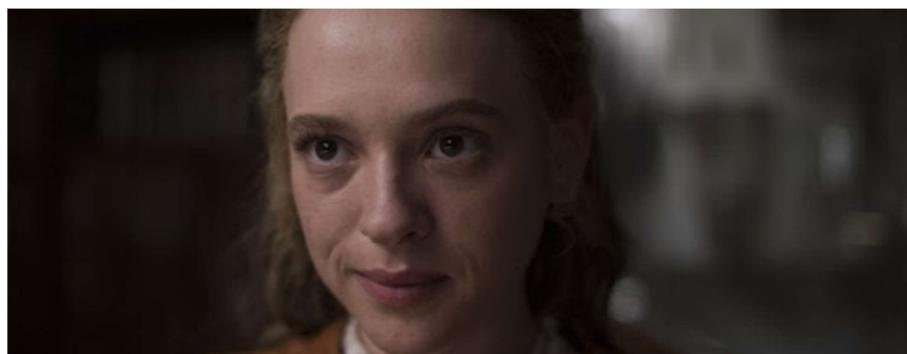
JUVENTUDES POSSÍVEIS: ESPAÇO SOCIAL DA CULTURA JUVENIL NA SÈRIE "NADA ORTODOXA"

VALMIR MORATELLI
THAÍS CABRAL



DOSSIÊ HISTÓRIA EM QUADRINHOS LATINO
AMERICANAS: A HISTÓRIA
CONTEMPORÂNEA NA CULTURA DAS
MASSAS
EDIÇÃO DE JUN. 2022 V. 16 N.30
ORGANIZADORES: PROFA. DRA. TALITA
SAUER MEDEIROS (UFGD)
PROF. DR. ROGÈRIO IVANO (UEL)





**JUVENTUDES
POSSÍVEIS:
ESPAÇO SOCIAL DA
CULTURA JUVENIL
NA SÉRIE “NADA
ORTODOXA”**

THE POSSIBILITIES OF
YOUTH:
Representation of youth
culture in the series
Unorthodox

Valmir Moratelli¹
Thaís Cabral²

¹ Mestre e doutorando em Comunicação pela PUC-Rio. Rio de Janeiro, RJ. E-mail: vmoratelli@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6071-1360>.

² Mestre e doutorando em Comunicação pela PUC-Rio. Rio de Janeiro, RJ. E-mail: thaisddcabral@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9452-331X>.



Resumo: O objetivo deste artigo é entender como a juventude é constituída socialmente e vivenciada em suas múltiplas significações. A partir do detalhamento da narrativa da série estadunidense “Nada Ortodoxa” (*Unorthodox*), produção original da Netflix, baseada em uma história real anteriormente lançada em livro, pretende-se analisar como as representações de juventude são construídas nas relações sociais e que elementos são necessários para firmá-la em seu protagonismo. Para tanto, recorre-se a obras de autores como Pierre Bourdieu (1978), José Machado Pais (1993), Luís Antônio Groppo (2000), entre outros clássicos dos Estudos Culturais no que tange à juventude. Como conclusão, apontamos os desdobramentos levantados para a representação espacial na qual a protagonista se insere, importante meio de firmar características e moldar identidade.

Palavras-chave: Juventude; Ficção Seriada; Representação; Narrativas Audiovisuais.

Abstract: This article aims to understand how youth is socially constituted and experienced in its multiple meanings. From the untangling of the narrative of *Unorthodox*, a Netflix's original series, we analyze how the representations of youth are constructed amid social clashes, and which elements are necessary to solidify its protagonism. To do so, we consult the work of authors such as Pierre Bourdieu (1978), José Machado



Pais (1993), Luís Antônio Groppo (2000), amongst other classics of Cultural Studies whose focus is youth. Furthermore, this work also seeks to define binge-watching as a growing form of consumption of this type of audio-visual production. Besides that, we also consider how a story about and for younger audiences may be influenced by the format of streaming platforms.

Keywords: Youth; Serial Fiction; Representation; Audio-visual Narratives.



Introdução

O objetivo do artigo é compreender as possibilidades de representação da juventude tardia¹ por meio da série estadunidense “Nada Ortodoxa” (*Unorthodox*), produção original da Netflix, de 2020. Baseada no *best-seller* autobiográfico da escritora Deborah Feldman, *Unorthodox: The Scandalous Rejection of My Hasidic Roots* (2012), ainda sem tradução oficial no Brasil, a série narra em quatro episódios as

¹ Por juventude tardia, a medicina compreende a faixa etária que estende a adolescência até os 24 anos, prolongamento que se deve a diversos fatores, como o aumento da expectativa de vida, bem como questões culturais, religiosas e econômicas da contemporaneidade (MAGALHÃES, 2014).





transformações na vida de Esther “Esty” Shapiro (vivida por Shira Haas), uma jovem de 19 anos da comunidade do judaísmo hassídico. Ela se casa dentro das tradições ortodoxas judaicas, mas não está feliz com o casamento arranjado pelos familiares. É quando resolve abandonar o marido, Yanky Shapiro (interpretado por Amit Rahav), e fugir de Williamsburg, área do Brooklyn, em Nova York, onde concentra uma grande comunidade de judeus ortodoxos². Esty muda-se para Berlim, na Alemanha, onde encontra pessoas que a fazem questionar práticas vistas como incontestáveis no meio em que cresceu. Em seguida, começa a ter experiências de juventude que lhe foram

247 negadas até então.

A juventude, com frequência, aparece como uma potência transformadora. A matéria “O poder da juventude”, que anuncia a escolha da ativista sueca Greta Thunberg, de 16 anos, como a “Pessoa do Ano” da revista estadunidense *TIME*, em 2019, é um bom exemplo. Em especial, quando aliada à imagem heroica de Thunberg, com o olhar sereno, em direção a um futuro hipotético, enquanto o mar revoltado bate aos seus pés. Associar a juventude à idade biológica, no entanto, seria um erro. Afinal, a juventude, como tantos outros aspectos da nossa vida social, é socialmente construída (GROPPO, 2000).

² O judeu ortodoxo é aquele que cumpre fielmente os princípios do judaísmo, rejeitando mudanças e renovações nos costumes e nos rituais religiosos. No judaísmo ortodoxo, os preceitos da Lei Judaica (Halachá) são cumpridos quase sempre à risca como forma de preservar a tradição.



“Nada Ortodoxa” permite exemplificar como a juventude é uma categoria socialmente construída (BOURDIEU, 1978), existindo de uma forma ou de outra de acordo com o meio em que o indivíduo está inserido. Para tanto, é feita uma revisão bibliográfica do conceito de juventude em que se recorrerá, primeiramente, à entrevista de Pierre Bourdieu com Anne-Marie Métailié, “‘Juventude’ é apenas uma palavra”. Publicada pela primeira vez em 1978, ela pode ser encontrada na obra *Questões de sociologia* (1980), e é um dos primeiros textos em que se observa a defesa da juventude enquanto categoria social ao invés de um simples número, argumentando, justamente, sua volubilidade:

Cada campo [...] tem as suas leis específicas de envelhecimento: para sabermos como se recortam aí as gerações, precisamos conhecer as leis específicas do campo, as paradas em jogo de luta e as divisões que essa luta opera (“nova vaga”, “novo romance”, “novos filósofos”, “novos magistrados”, etc.). Nada há aqui que não seja muito banal, mas que faz ver que a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e que o facto de se falar dos jovens como uma unidade social, de um grupo construído, dotado de interesses comuns, e de se referir esses interesses a uma





idade definida biologicamente, constitui já uma evidente manipulação (BOURDIEU, 1978, p. 153)

Parte-se aqui da perspectiva de Serge Moscovici (1961) sobre as representações sociais – conceito cunhado pelo próprio, inspirado na obra de Émile Durkheim (1912). Neste, vê-se o sujeito como construção social a partir de valores externos e em mutação constante. Nota-se que as representações midiáticas – reflexos, ainda que incompletos, da realidade – poderiam ser consideradas “termômetros sociais” (MOSCOVICI, 1961) do que é aceito, assim como daquilo que não é, em uma comunidade.

As representações vêm e vão, circulam, transformam-se dentro de diversos meios e formas. Particularmente, em produtos que se orientam pela lógica midiática (SOARES, 2014), que partem da premissa de que

[...] que habitamos duplamente espaços – reais e virtuais -, que talvez não seja possível falar tão aberta e acintosamente em “real” e “virtual”, uma vez que ambos estão imbricados, perpassados, unidos de forma a que o cotidiano passa a ser um duplo em que fazemos ações e (mais uma vez) fazemos ações: ações “reais”, ações “virtuais” – que se agenciam, se interpenetram, agem uma em função da outra, modos de experienciar o presente a partir de

VALMIR MORATELLI E THAÍS CABRAL



camadas de sentido que estão ligadas a formas de relacionamento com os meios de comunicação (SOARES, 2014, p. 141)

Visto que podem servir de palco para questionar padrões, evidenciar (dis)similaridades, apresentar novas visões de mundo e aproximar indivíduos de uma mesma comunidade, as representações sociais são terreno fértil para estudar a fundo a sociedade atual.



Conceitos para a Juventude

O melhor ponto de partida para discutir os conceitos em torno da noção de juventude é o de que o “jovem”, termo compreendido, aqui, como o sujeito entre a “infância” e a “vida adulta”, não existiu sempre da mesma forma. É claro que o ser humano passou pelos mesmos marcos biológicos nos séculos X, XV e XX, só que eles não eram vistas da mesma maneira (PAIS, 1993), seja porque categorias etárias não vigoravam no imaginário social como ocorre hoje em dia, seja porque não existia uma precisão e preocupação matemática parecida com a dos tempos atuais em relação às idades, datas e experiências de todo e qualquer indivíduo, etc. As denominações para o que se classificam de infância, adolescência, juventude, idade adulta e





velhice variam de acordo com a sociedade, época e experiências históricas. Apoiando-se no pensamento do francês Philippe Ariès, por exemplo, Pais (1993) explica que:

[...] o surgimento da infância, na Europa, entre finais do século XVIII e princípios do século XIX [...] pode encarar-se como um processo de construção social. Tendo emergido entre famílias de condição social elevada, a infância, como fase distinta de desenvolvimento, tornou-se tema de volumosos ensaios literários sobre educação infantil. Posteriormente, os “problemas sociais” associados à infância [...] determinaram a necessidade de assistência às crianças, a sua defesa mediante medidas legislativas que regulamentassem o trabalho infantil e, enfim, a consolidação da infância como fase da vida (PAIS, 1993, p. 30).

O mesmo pode ser dito da adolescência. Em comparação à criança, porém, o adolescente – ou, ainda, o jovem – é uma categoria social relativamente nova, estabelecendo-se na segunda metade do século XIX (PAIS, 1993). De acordo com Pais (1993, p. 31), “[...] o prolongamento da escolaridade, a legislação sobre trabalho infantil, que incrementava a idade a que os adolescentes podiam começar a trabalhar, [...] a proliferação das



casas de correção para menores e outras medidas públicas” são uma expressão do reconhecimento da adolescência enquanto fase da vida na esfera social.

Em um primeiro momento, porém, a juventude aparece como uma unidade e é constantemente associada a problemas sociais (de desemprego, de violência, etc). Luís Antônio Groppo (2000, 2015a) sintetiza as “etapas” da juventude da seguinte forma: i) geração; ii) moratória social; iii) desnaturalização da juventude; iv) juventude como categoria social; e v) subculturas. Ainda que enumerados em uma escala de i-v, é importante apontar que essas etapas poderiam coexistir e costumeiramente coexistem. De fato, Pais (1993) aponta a existência de correntes muito fortes nos estudos de juventude, embasadas em uma noção naturalista – no sentido biológico do termo – da juventude, as quais são a corrente geracional (equivalente ao i) e a corrente classista (equivalente ao ii).

Eventualmente, desnaturaliza-se a ideia de juventude e de modo a aceitá-la como categoria social, ponto defendido por Pierre Bourdieu na transcrição de sua entrevista com Métailié, “Juventude é só uma palavra” (1978). Para ele, a juventude é mais uma construção social do que só uma fase da vida; uma questão de idade. Essa diferença, na concepção de Bourdieu (1978), está mais ligada a um jogo de luta do que à biologia em si. Carles Feixa e Pam Nilan (2009) endossam esse discurso. Embora estabeleçam uma escala cronológica aos jovens – de 12



e 35 anos –, esse recorte é bastante amplo, incluindo pessoas reconhecidas como crianças ou até mesmo adultos em outras culturas.

Tanto Groppo (2015a, 2015b) quanto Pais (1993) posicionam-se de maneira similar a Bourdieu (1978), compreendendo a juventude em um sentido mais amplo do que o geracional ou de moralização social e, ainda, para além de uma unidade. Como assim? Da mesma forma que é comum assumir que sempre existiram crianças e adolescentes tal como se entende na contemporaneidade, também é normal a crença na juventude como um termo amplo e homogêneo (PAIS, 1993; GROppo, 2000; FEIXE e NILAN, 2009). E mais, de um todo homogêneo de acordo com as normas da nossa cultura, remetendo a uma lógica etnocêntrica (ROCHA, 1984).

Entretanto, a realidade dificilmente condiz com essa visão de mundo, como constata Pais (1993) ao empreender uma etnografia junto a jovens em Portugal. Os jovens constituem um grupo extremamente diverso, convergindo e divergindo em vários assuntos. Groppo (2000) dedica um capítulo inteiro do livro *Juventudes*, para mostrar como isso ocorria dentro da juventude hitlerista, na Alemanha Nazista, que poderia ser vista, por muitos, como um espaço que inibiria, e de fato tentava inibir, dissidentes. Feixa e Nilan (2009) também tentam desmistificar a homogeneidade dessa categoria social. Ainda que reconheçam a existência de uma cultura global referenciando a juventude de maneira mais indiscriminada, os



jovens, eles argumentam, continuam sendo, tanto em nível local quanto em nível global, um coletivo híbrido.



Uma juventude “Nada Ortodoxa”

A primeira cena da série aqui analisada, cujo roteiro é assinado por Anna Winger e Alexa Karolinski, sugere a fuga de Esty. A jovem judia se mostra incomodada com sua vida, com as pessoas a sua volta e com a forma como é tratada pelos familiares. A prisão é o ambiente familiar no qual ela está inserida, repleto de códigos culturais e preceitos religiosos que cerceiam sua liberdade. Esty nos é apresentada como uma prisioneira de um casamento arranjado com Yanky. A busca por outra condição social que ainda não lhe parece óbvia é o que move a personagem ao longo da trama. Buscamos compreender a construção dessa condição, para Esty e para o espectador, por meio das representações sociais (BOURDIEU, 1989, MOSCOVICI, 2003) às quais a protagonista da trama é exposta.

A fuga da protagonista, então com 19 anos, para a Alemanha é o ponto de partida para sua busca por liberdade – somente mais tarde ela saberá que está grávida. Através de recursos de *flashbacks* (regresso de cenas do passado) entremeados a cenas da atualidade, o roteiro de “Nada Ortodoxa” apresenta o que motivou Esty a esta partida e as





possíveis consequências de seu ato aparentemente repentino. Fiquemos aqui com a análise da série do ponto de vista da construção de uma ruptura com a juventude, a partir do embate com as tradições do seu grupo social de origem, bastante relacionado aos mais velhos. Esty confronta as tradições sentir-se como uma prisioneira dentro da comunidade em que nasceu.

A série “Nada Ortodoxa” (2020), da *Netflix*, apresenta a comunidade hassídica como um ambiente em que as relações tradicionais entre os sexos são bastante reforçadas: a mulher é destinada ao ambiente doméstico, sendo desencorajada de investir em interesses intelectuais ou artísticos, como é o caso de Esty; o homem é dirigido aos negócios, mas não quaisquer negócios, os negócios da família, que servem à comunidade; e tanto homens quanto mulheres devem estar comprometidos com o crescimento do núcleo familiar o quanto antes. O sexo é visto estritamente como uma obrigação, feito tão somente para reprodução. Confrontada com a realidade de que sua cama conjugal só resulta em dor e o julgamento devido à sua demora em engravidar, apesar de casada há pouco tempo, Esty sente-se cada vez mais deslocada dentro da própria comunidade. O fato de que seu marido, Yanky, não sofre as mesmas represálias sociais, a isola ainda mais.

Ao questionar e promover uma ruptura no condicionamento da posição de esposa e mulher subserviente, pela primeira vez Esty se vê na real possibilidade de experimentar uma juventude que lhe foi negada ou, ainda, viver



os momentos finais de uma fase pré-adulta, podendo se apaixonar por quem bem entender, dançar, enfrentar os processos de aceitação de grupos de amigos recém-criados, a liberdade de expressão e a procura por um talento individual. A isso se somam cenas que denotam experiências como o sexo por prazer - e não apenas para procriação, os dilemas sobre suas atividades econômicas e exercício laboral, o ensino interrompido, o custoso modo de vida independente, entre outros.

Suas inquietações têm muito a ver com o que Groppo (2015b, p. 569) afirma dessa fase da vida: “Ela, a juventude, deixa de ser (apenas) uma categoria etária e se torna uma ‘representação social’, um ‘modo de ser’, um ‘modo de existência’ ou uma ‘forma signo’: a saber, a ‘forma-juventude’”. Esty, ao abandonar o núcleo familiar e o casamento, vai exatamente à procura de um outro “modo de ser”, expresso, por sua vez, por representações socioculturais com as quais não tinha tido muito contato até então.

A série consegue exemplificar como a noção de juventude aparece após a personagem conseguir fugir da “prisão” na qual viveu e cresceu, podendo enfim desfrutar de outra fase em sua vida, agora sem precisar seguir as tradições que a amarraram a uma específica forma de convivência social. É o que Pais (1993) vai chamar atenção ao afirmar que:





[...] em suma, a noção de juventude somente adquiriu uma certa consciência social a partir do momento em que, entre a infância e a idade adulta, se começou a verificar o prolongamento – com os consequentes ‘problemas sociais’ daí derivados – dos tempos de passagem que hoje em dia continuam a caracterizar a juventude, quando aparece referida a uma fase de vida (PAIS, 1993, p. 31)

257 Assim, Esty busca em Berlim esta fase entre infância e a idade adulta que lhe fora relegada enquanto viveu em Williamsburg. A fuga tem a ver com a busca por um outro lugar de ocupação. Tem seus motivos para achar que vive em uma espécie de prisão, mas seu marido, Yanky, também não é um rapaz que tem liberdade total, é bem tolhido pela tradicional mãe judia. É interessante ver como se dá este questionamento da personagem central à sua religião. Ela, em nenhum momento, usa palavras desrespeitosas, até porque o rompimento com a religião não é o que Esty realmente está procurando; mas descobrir quem ela é – o que não implica no abandono de suas crenças. Prova disso é sua postura diante da única outra personagem de origem judaica em Berlim, Yael Roubeni (Tamar Amit-Joseph), que critica a cultura e comunidade hassídica. Em uma cena, Yael explica, de maneira zombeteira e etnocêntrica, que as mulheres hassídiacas só servem para repopular a



comunidade israelita perdida na 2ª Guerra Mundial (1939-1945). Esty discorda, afirmando que ela não é uma “máquina de fazer bebês”. E mais, ela defende que o que a incomodava era uma inquietação particular, e não o contexto social em que vivia. A construção de sua identidade social passa, portanto, pela compreensão – e não anulação – de suas experiências anteriores.

De acordo com Groppo (2015b), a juventude precisa ser compreendida em sua diversidade, sem deixar de fora aspectos variados. Assim sendo:

[...] torna-se mais preciso falar de juventudes, assim no plural, a se considerar os diferentes modos de viver a condição juvenil e a experiência geracional, não apenas pelas desigualdades de classe, mas também pelas desigualdades e diferenças étnico-raciais, nacionais, regionais, de gênero, de opção sexual, religiosa etc. As teorias pós-críticas radicalizam a valorização da diversidade (GROPPO, 2015b, p. 572).

Evidencia-se que a protagonista busca a si mesma, querendo compreender por que sua mãe, Leah (Alex Reid), a abandonou para morar na Alemanha, país onde nasceu, e acabou renegada pela família extremamente religiosa. A paixão



pela música, deixada de lado por causa do casamento, e, em seguida, a desilusão matrimonial, que ela via como uma forma de integrar-se melhor à comunidade em que nasceu – ou, no mínimo, como uma forma de encontrar alguém que a amasse apesar de sua singularidade, materializada no amor pelo piano –, a impelem a experimentar ser mulher longe das amarras sociais às quais foi exposta até aquele momento. Numa das cenas do último episódio, o maestro da companhia na qual ela tenta se inserir diz, em uma ótima referência ao drama particular da jovem: “Na música temos que quebrar muitas regras para sobreviver”.

259

Estas regras são quebradas neste deslocamento espacial de Esty indo à Alemanha, o que lhe dá a oportunidade de conhecer um mundo para o qual não sabe se está apta. Para quem nunca saiu de sua comunidade, é uma reviravolta este novo momento de vida, quando precisa lidar com o medo de se aproximar da mãe, cria laços de amizade com pessoas descoladas e sexualmente liberais, se vê em um meio em que drogas, álcool, festas e a luta pela sobrevivência se impõe. Então, o marido Yanky, ao lado do primo, Moische (interpretado por Jeff Wilbusch), vai à Alemanha atrás de Esty. É notório como ele igualmente fica atordoado com o mundo, para ele novo. Eles estão, pela primeira vez, em contato com a chamada “cultura juvenil” presente no contexto do qual não faziam parte.



[...] Por cultura juvenil, em sentido lato, pode-se entender o sistema de valores socialmente atribuídos à juventude (tomada como conjunto referido a uma fase de vida), isto é, valores a que aderirão jovens de diferentes meios e condições sociais. Por exemplo, ao considerar-se o fenômeno da moda através do uso de pares de variáveis como ‘identificação-diferenciação’ e ‘inovação-passividade’, os jovens valorizariam os extremos dos contínuos que apontam para a ‘diferenciação’ e a ‘inovação’, isto é: a moda seria entendida pelos jovens (por todos eles?) como uma possibilidade de expressividade, de autorrealização, de relativa independência de controle social. (PAIS, 1993, p. 54-55)

Esty, neste cenário, não busca necessariamente a moda, mas percebe-se que ela é usada para ilustrar as transformações pelas quais a personagem passa. E mais, demonstra uma primeira tentativa de aproximação dos jovens ao seu redor. Por isso, por exemplo, o momento em que Esty pede para experimentar o batom vermelho de uma colega em Berlim, que se consolidou como um dos símbolos da liberdade feminina devido ao seu uso por parte das integrantes do movimento sufragista no século XX (PALUMBO, 2020), é marcante. Mais



tarde, ela irá incorporar ainda mais elementos que não costumavam pertencer ao seu universo, como calças jeans. Ou, ainda, vão de encontro às normas socioculturais da comunidade ortodoxa em que nasceu tal qual expor seu cabelo.

A imagem 1, que mostra Esty antes de seu casamento com Yanky, em Williamsburg, e a imagem 2, em que Esty caminha pelas ruas de Berlim, evidenciam, quando lado a lado, a diferença entre dois momentos muito distintos na vida da protagonista. Na primeira, com a cabeça inclinada para baixo, olhando para cima, seu rosto parece ansioso e pálido, dando a impressão de uma jovem exaurida. A câmera posicionada de cima para baixo reforça a imagem de uma jovem retraída em sua fragilidade. Já em Berlim, vemos uma mulher mais segura de si: sua postura ereta, sua cabeça erguida e seus olhos fixos no horizonte contribuem para tanto. O uso da maquiagem, claro, dá mais “vida” ao rosto de Esty. E o uso de um espaço aberto na segunda imagem, na capital alemã, contribui para a construção imagética de uma personagem mais “livre”. Na primeira, cores frias num jogo de claro/escuro; na segunda, a opção por um céu claro e cena bem iluminada.



IMAGENS 1 E 2 - ESTY EM WILLIAMSBURG, EM NOVA YORK E ESTY EM BERLIM, NA ALEMANHA



FONTE: NETFLIX. “NADA ORTODOXA”, 2020, T01EP01, 25:01 E T01EP04, 41:30. ACESSO EM 28 JUN. 2020.



A música também lhe propõe este escape que Pais (1993) defende para a ruptura e a identificação juvenil. Ao encontrar Robert (Aaron Altaras) no primeiro café que toma em Berlim, Esty faz novos elos de amizade, já que o rapaz, que é músico, lhe apresenta a seus amigos do conservatório de música. O objetivo da protagonista passa a ser pianista bolsista do local, onde também toca um time plural (imagem 3) formado por Yael Roubeni (Tamar Amit-Joseph), Dasia (Safinaz Sattar) e Axmed (Langston Uibel). Outros personagens aparecem de vez em quando, como Clemens (Lorenz Maria Krieger), em um episódio, mas esse é o grupo principal. Roubeni, como mencionado anteriormente, é uma mulher judia israelense, Dasia, por sua vez, é uma mulher alemã descendente de iemenitas e Axmed é um homem nigeriano. O supracitado Clemens é um homem alemão, filho de poloneses, enquanto Robert também é um homem alemão, mas fica subentendido que, dentre todos eles, é o único sem um histórico familiar mais “global”. Esse contato com a pluralidade de outros jovens de sua faixa etária vai permitir a Esty entender que as dificuldades enfrentadas fazem parte de seu amadurecimento. Aliás, esse grupo tão diverso remete mais uma vez ao que Groppo (2015a), como anteriormente já citado, chama de “juventudes”, no plural, por se exercer a diversidade ainda que em um só grupo.

[...] Na proliferação de opções dos consumidores e nas práticas da cultura

VALMIR MORATELLI E THAÍS CABRAL



popular, mediatizadas pela tecnologia global, “os processos de individualização e pluralização exercem pressões sobre a normalização dos padrões de vida da população e fazem aumentar a gama de identidades e estilos de vida socialmente aceitáveis e desejáveis” (Chisholm, 2003, p. 3) [...]. A constituição de culturas juvenis locais pode ser entendida como uma estratégia consciente de retorno ao coletivismo para uma melhor gestão dos riscos, tanto ontológicos como “manufaturados”. (FEIXA, NILAN, 2009, p. 18)

IMAGEM 3 - AXMED, DASIA, ESTY E ROBERT NO PRIMEIRO EPISÓDIO DE NADA ORTODOXA. EMBORA PRESENTES, Yael E CLEMENS NÃO APARECEM DEVIDO AO ENQUADRAMENTO DA CENA.



FONTE: NETFLIX. “NADA ORTODOXA”, T01EP01, 31:16. ACESSO EM 28 JUN. 2020.



JUVENTUDES POSSÍVEIS: ESPAÇO SOCIAL DA CULTURA JUVENIL NA SÉRIE “NADA ORTODOXA”



A individualização do sujeito, tendo este grupo de jovens musicistas como exemplo, fica bastante clara ao se perceber como cada um se destaca em suas características próprias. E, ao mesmo tempo, como eles, por serem plurais dentro de suas identidades, compõem um mesmo grupo. Moscovici (2003) enfatiza que as interações grupais que ocorrem em contextos sociais e culturais específicos, rompem com oposições como sujeito x objeto, interior x exterior. Ou seja, o papel das interações entre indivíduos e grupos é o que constitui uma rede de significações integrando valores às práticas sociais dos grupos.

O certo lirismo em momentos iniciais da série, como o casamento de Esty e Yanky em sua comunidade, ou ainda o primeiro encontro entre eles – forjado pela família, carregado de inocência e simbolismos, contrastam com os choques culturais da nova vida da personagem em Berlim. Entretanto, por não negar seu passado nem criticá-lo, mas usá-lo como peça de uma engrenagem que a faz ser projetada para frente, ajudando-lhe a se transformar com as novas vivências, Esty nos permite supor que seu aprendizado está galgado na hibridização a que tem acesso. Conforme Feixa e Nilan (2009):

[...] a hibridização é um processo de interação entre o local e o global, o hegemônico e o subalterno, o centro e a periferia. Por outro



lado, a hibridização é um processo de transações culturais que põe em evidência de que modo as culturas globais são assimiladas localmente, e de que modo as culturas não ocidentais afetam o Ocidente (FEIXA, NILAN, 2009, p. 14)

O contraste entre a não-existência de uma cultura juvenil na comunidade de Williamsburg e as representações de culturas juvenis globais, nas cenas em Berlim, desencadeia uma discussão sobre o papel desempenhado pelos jovens e de que forma são inseridos nos contextos sociais. Para Martin-Barbero (1998, p. 33) isso ocorre devido à “[...] sua participação como agente de insegurança [...] e pelos questionamentos que explosivamente fazem a juventude às mentiras que a sociedade se mete consigo mesma”.

O final de “Nada ortodoxa” permite que o telespectador tire suas próprias conclusões sobre a validade da experiência de Esty. Ela é parte de algo que deixou para trás, mas tendo como continuidade o que vive como se fosse a sua primeira vez no presente. Numa nova cidade, a personagem perde a virgindade com quem escolhe, marcando a abertura de um novo olhar para si própria e para o mundo no qual se vê inserida. Portanto, o espaço social, como nos mostra Bourdieu (1989), pode ser concebido como uma equação complexa e dinâmica, resultado





da troca permanente entre o papel de sujeitos constituídos como grupos e o campo das posições que eles ocupam. A coragem de Esty de se libertar do que a aflição permite que se encontre com outras possibilidades de experiência que vão compor, enfim, uma fase de vida que ela não fazia ideia que poderia estar inserida. A juventude, ainda que tardiamente, lhe é vivenciada.



Considerações finais

267

O que está por trás dos sonhos da jovem Esty é justamente se reconhecer como jovem. Somente quando abre mão da posição de esposa obediente em uma comunidade extremamente limitadora, Esty tem de volta a possibilidade de conquista de sua juventude, em uma fase pré-adulta, podendo se apaixonar, dançar, se divertir, ser feliz e vivenciar seus próprios medos. Ao ter que lidar com os processos de aceitação de grupos de amigos recém-criados em outro país, a protagonista também lida com a liberdade de se enxergar como indivíduo em meio à pluralidade.

Ao se entender a juventude muito além de uma categoria etária, mas uma representação social, um modo de ser e de se saber parte de uma existência, conclui-se como é necessário também levar em consideração os deslocamentos espaciais



como forma de criação da identidade adulta. De Nova York, numa comunidade ortodoxa, para Berlim, longe dos olhares familiares, a protagonista de “Nada Ortodoxa” exemplifica essas representações de uma juventude exercida tardiamente.

A série aborda, entre outros pontos, como é ampla a noção de juventude, mas também abre possibilidades de se questionar como os jovens se comportam em toda sua pluralidade, como se enxergam, se autoafirmam e de que maneira consomem estas vivências nas lógicas de inserção social. Há diversos outros exemplos de narrativas audiovisuais que merecem atenção, não apenas por tratarem da questão da juventude, mas por serem consumidas em primazia, por esta camada social tão vasta.



Fontes

NADA ORTODOXA, Netflix. Direção: Maria Schrader. 1 Temporada, 4 Episódios, color, 2020.



Referências Bibliográficas





BOURDIEU, Pierre. “Juventude” é apenas uma palavra. In: **Questões de sociologia**. Florianópolis: Editora Vozes, 2019.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Deifel, 1989.

FEIXE, Carles; NILAN, Pam. Uma juventude global? Identidades híbridas, mundos plurais. In: **Política e Trabalho**: Revista de Ciências Sociais. Paraíba, v. 31, p. 13-28, set. / 2009.

FELDMAN, Deborah. *Unorthodox: The Scandalous Rejection of My Hasidic Roots*. Nova Iorque: Simon & Schuster, 2012.

GROPPO, Luís Antônio. **Juventude**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

GROPPO, Luís Antônio. Teorias críticas da juventude: geração, moratória social e subculturas juvenis. In: **Em Tese**. Florianópolis, v. 12, n. 1, jan./jul, 2015a, p. 4-33.

GROPPO, Luís Antônio. Teorias pós-críticas da juventude: juvenilização, tribalismo e socialização ativa. In: **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, vol. 13, n. 2, julio / diciembre, 2015b, p. 567-579.

HAYNES, Suyin; ALTER, Charlotte; WORLAND, Justin. 2019 Person of the Year: Greta Thunberg; In: **TIME**, dezembro/2019.



Disponível em: <https://time.com/person-of-the-year-2019-greta-thunberg/>. Acesso em: 01/07/2020.

LEMOS, André. **Mídias locativas e territórios informacionais**. Disponível em: https://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/midia_locativa.pdf. Acesso em: 28 jun. 2020.

MAGALHÃES, Themístocles Soares de. **Avaliação do impacto da gravidez na adolescência tardia como fator de risco para complicações obstétricas e neonatais**. Tese (Doutorado) apresentada à Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública. Programa de Pós-Graduação em Medicina e Saúde Humana. Salvador, 2014.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Jovenes: Des-orden Cultural e Palimpsestos de Identidade. In: MARGULIS, Mario *et al.* **Viviendo a toda**: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades. Bogotá: Universidad Central / Siglo del Hombre Editores, 1998, p. 22-37.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003.





PAIS, José Machado. *Culturas Juvenis*. Imprensa Nacional Casa da Moeda. 1993.

PALUMBO, Jacqui. Empowering, alluring, degenerate? The evolution of red lipstick. In: CNNStyle, online. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/style/article/red-lipstick-history-beauty/index.html>> Acesso em: 15 ago. 2020.

ROCHA, Everardo. *O que é etnocentrismo?* Rio de Janeiro: Editora Brasiliense, 1984.

- 271 SOARES, Thiago. Abordagens teóricas para estudos sobre cultura pop. In: *Logos: Comunicação e Universidade*. Rio de Janeiro, ed. 41, v. 2, n. 24, p. 139-152, 2014.



Data de envio: 23 de agosto de 2021
Data de aceite: 27 de março de 2022

